

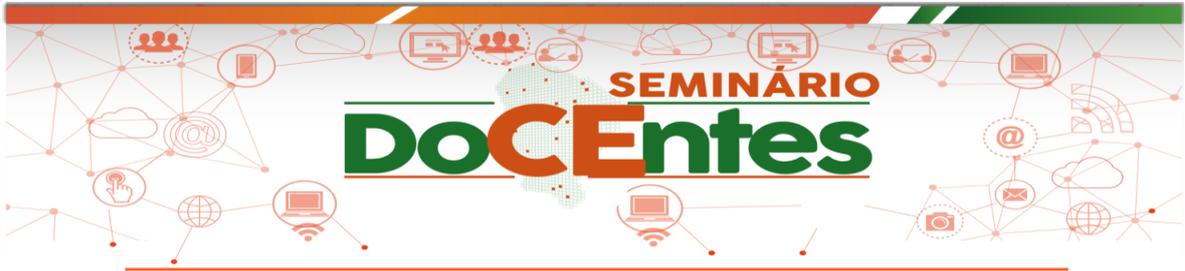


A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA ZONA RURAL BARBALHENSE COMO FONTE DE INFORMAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA E DO REGISTRO CULTURAL REGIONAL

José Oberdan Leite

O registro das variantes linguísticas do sítio Brejinho e do sítio Santana com enredos que resgatem suas vivências e o seu imaginário constroem memórias e identidades sociais e estimulam o seu estudo. A funcionalidade dos verbetes da linguagem local e suas variações promovem a manutenção da relação humana e de perpetuar a necessidade da flexibilização do processo comunicativo despertado nos contos e lendas regionais, romances transmitidos em histórias de uma geração para outra, depoimentos sobre o ambiente local, receitas populares, cordéis e poemas que abracem a tradição literária regional, fábulas e lendas sobre as criaturas míticas do nosso folclore.

O que fazer para evitar a atuação hegemônica de uma variação linguística sobre a outra? Como promover a erradicação da discriminação idiomática? E a escola? De que forma a escola pode planejar um estudo prático e atuante e contribuir para conscientizar sobre preconceitos dialéticos, fomentando o respeito à diversidade linguística? O que impede a escola de vitalizar mecanismos de estudo, valorização e participação política dos professores e bibliotecários numa relação recíproca desses valores linguísticos? É possível o ato de estudar e documentar dialetos sitienses, independente do seu tipo ou gênero, conseguindo juntar com os mesmos ideais, alunos de segmentos variados e professores de disciplinas diferentes transpondo ensinamento individuais e divisionistas?



De modo geral, esta pesquisa de campo procura compreender as variações dialéticas dos sítios Brejinho e Santa Tereza nas suas expressões linguísticas e sociais, levando-se em conta seus aspectos memorialísticos e identitários, tendo o setor bibliotecário escolar (EEMTI Almiro da Cruz) como principal referência de estudo e dinamização. Para isto, a pesquisa busca grupos de moradores, ações religiosas, movimentos tradicionais e culturas populares, entidades escolares locais, movimentos festivos, visitas e encontros que façam referência ao estudo das variações (diacrônicas, diastráticas, diatópicas e diafásicas), e suas interligações ao regionalismo cariariense. A intenção se faz em mapear locais e termos linguísticos usados e entender os porquês de suas fonologias, morfologias e sintaxes, documentando tais variações e criando um ebook ou livro de estudo e informação. Isso permitirá ajuda na formação de leitores participativos nas escolas da região (pela leitura, criação textual, interpretação grupal, teatralização, cinematização e outros recurso didático-pedagógicos) e, assim, procurar preservar mais uma identidade cultural e desestabilizar o gerador do preconceito linguístico ainda existente.

Palavras-chave: Variação linguística; identidade cultural; preconceito linguístico

Introdução

O ensino não tem sido um processo de interação humana levando-se em conta as variações linguísticas das quais a língua é possuidora. Todas as diferenças dialetais não têm sido consideradas nas suas formas diferentes de se dizer a mesma coisa dentro de um mesmo contexto. Apenas uma, a padrão, é colocada como conteúdo de aprendizagem e enxergada como verdadeira

A proposta de intervenção pedagógica foi desenvolvida no intuito de mostrar que o preconceito linguístico existente pode ainda estar deixando à deriva a existência de aglutinações linguísticas utilizadas na nossa Língua e, entretanto, não estudadas com o devido significado e respeito, deixando de reconhecer os valores sociais implicados nessas variantes.

Os falantes dominam a sua língua desde crianças, mas ao chegarem à escola entram em conflito com seu conhecimento e sua prática mediante a imposição de regras gramaticais que se colocam como únicas verdades. A escola é uma entidade que tem função obrigatoriamente educativa. Apesar disso, ela ainda mantém um ensino restrito a ideologia conservadora das camadas privilegiadas. Bagno (1999) para afirmar o seu pensamento:



É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o reconhecimento da variação linguística, porque o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. (BAGNO, 1999)

O estudo da gramática deve ir ao aluno, e não o aluno vir até o ensino da gramática. Para Marcuschi (2007), a escrita tornou-se opressora e fator de exclusão social, sendo imposta, assumindo um papel privilegiado na sociedade e parte desse princípio quando destaca que a escrita também está presente em diversos contextos de nossas vidas, como no trabalho, na família, na escola etc. A escola ainda prega a ideia de que o aluno deve aprender essa forma imposta, mas os alunos já trazem para a sala de aula uma homogeneidade linguística que exige tanto uma nova postura dos professores diante das diferenças dialetais, como uma nova metodologia para o ensino transdisciplinar.

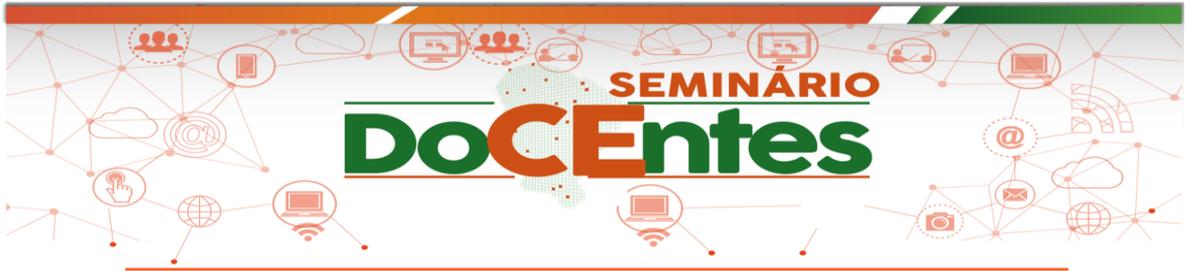
Esta variação é mais uma das que a Língua Portuguesa possui e que contem valores positivos. Não será tentando negá-la, persegui-la ou ignorá-la que se fará um trabalho produtivo de ensino e de educação.

Os parâmetros curriculares nacionais já deixam bem explicitados a necessidade da escola se voltar para o aprendizado da variação linguística quando cita:

As instituições sociais fazem diferentes usos da linguagem oral. Um cientista, um político, um professor, um religioso, um feirante, o repórter, um radialista, enfim, todos aqueles que tomam a palavra para falar em voz alta, utilizam diferentes registros em razão das também diferentes instâncias nas quais essa prática se realiza. A própria condição de aluno exige o domínio de determinados usos da linguagem oral. Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato pois seria descabido treinar o uso mais formal da fala (PCN, 1997, p. 27)

O exposto deixa claro que o idioma falado cotidianamente pelo aluno ainda é envolvido em muito pelo preconceito, pela discriminação e pelo desconhecimento. Esta variante linguística precisa não ser mais ignorado pela escola e ser melhor entendido e melhor trabalhado posto que dispõe de suas próprias riquezas linguísticas.

As variações linguísticas como a variante observada no contexto escolar são resultados da variedade sociocultural baseados na sociolinguística variacionista posto que ela dispõe de fortes argumentos históricos, geográficos, sociais e econômicos, portanto, reais e fluentes. Essa variante perde e ganha novas novas sons, novas estruturas com o passar dos anos, porém este fato não a deixa pobre, pois “a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no



tempo e no espaço, mas sim um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo” (Bagno, 2008, p. 136).

Que importância tem o reconhecimento disso na vida das pessoas? Trazer à ciência tais vocábulos, dentro e fora do âmbito escolar, permite uma maior reflexão sobre a importância de si mesmo como falante e a consideração de seus conhecimentos empíricos advindos desse contexto social, organizado numa comunicação variável e diversa. Outro ponto de importância é que, enxergando a própria variação falada no dia-a-dia, o falante se predispõe a novas ideias que auxiliem o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem no estudo da Língua Portuguesa. O falante exposto a estudos de variantes cresce linguisticamente sem necessidade alguma de decorar regras que apenas o confundem ainda mais. A entidade escolar não tem se mostrado imponente e educadora, mas sim, servidora dos princípios culturais da classe dominante. E, são necessárias atitudes políticas administrativas e pedagógicas juntas e o elemento humano que se inclui desde o aluno aos membros da comunidade para que da reflexão se obtenha a praticidade e a entidade escolar possa desta forma ser adjetivada como escola inovadora em sua pedagogia de trabalho.

Objetiva-se aqui discutir a existência de variantes linguísticas dentro da convivência social, que são patrimônios linguísticos e advertir que a escola ainda continua rotineira e pontual: acúmulo de definições regras e exceções, classificação de palavras, listagem de anomalias, irregularidades, conjunções e a citadas análise, muita análise sintática... Há a necessidade de que as camadas populares adquiram o domínio do dialeto de prestígio não para que ele substitua o seu dialeto de classe, mas para que se acrescente a ele mais um instrumento de comunicação.

A Língua Portuguesa, consequência de uma sociedade estratificada em classes, tem sido afastada de suas sociolinguísticas. Aparecem, portanto, conflitos entre a linguagem da escola e a linguagem das camadas populares.

Então, não há porque continuar difundindo essa ideia, mais do que absurda, de que aluno não sabe falar português. O falante sabe o seu português que é o português do seu dia-a-dia. Ele não é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: é apenas diferente e atende às necessidades linguísticas das comunidades que dele se utilizam.

Os “erros” podem estar dentro de um campo específico, já que por trás dos “erros” existe uma estrutura semântica que é produto do meio, que não é determinada por um único ser, e sim por um grupo social. Impor regras de gramática e ignorar “erros” do falante de um meio social é improdutivo e inconcebível.



A gramática conhecida como uma construção interativa em processo, através do tempo e do espaço, apresenta um aspecto histórico e dialético e sugere algumas reflexões: por que ensinar só a gramática padrão? Qual a gramática ensinada pela escola? que gramática deve o aluno dominar? Que se ensine a gramática, porém, sem fazer o aluno perder sua identidade cultural e linguística.

O ensino metodológico seria bem mais útil aos alunos se pesquisassem com eles segredos de expressividade das palavras e frases, troca de palavras em contextos determinados, procurando sentir a repercussão no som e no contexto.

O estado dominante, elitizado, ao perceber que ninguém é dono, individualmente, da língua resolveu criar regras e tentar legitimá-los a seu favor. E um dos meios para tanto tem sido a escola.

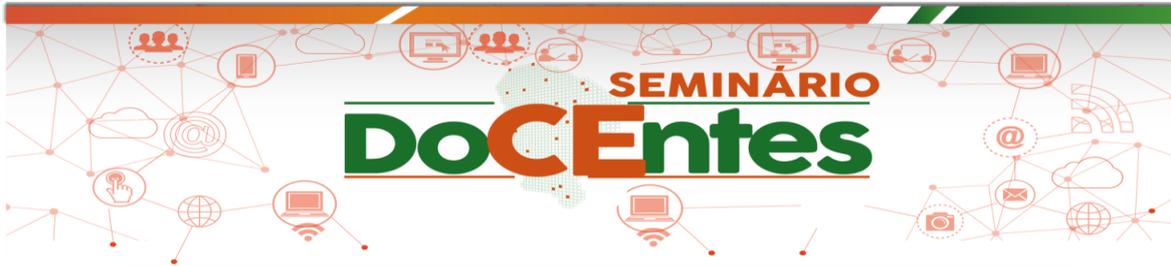
A língua está em constante transformação, não se deteriora, não se degenera. Ela se transforma, adquire novos elementos e põe em desuso outros. Ela é uma transformação de área constante e belamente evolutiva. A nossa língua, por si só, faz suas transformações, busca novos elementos e anula nos outros. Ela nunca se desfaz, nunca se esfacela.

Observando bem a linguagem oral desses falantes, foi notada a fala natural e espontânea de ricos vocábulos. São vocábulos que, ouvidos de forma individual, passam a ser desconhecidos, estranhos ao próprio falante, porém, ouvidos dentro de um contexto são compreendidos facilmente. Não é uma língua brejeira, matuta, sertaneja, ou qualquer outro tipo de variação conhecida. A Semântica que se preocupa com o significado que demonstra a palavra ou frase e a Pragmática que se preocupa com a intenção da frase demonstram que tais vocábulos em sua estrutura fonológica, fazem parte da linguagem popular, a gíria, a linguagem matuta e até mesmo a linguagem padrão. Isso é o que mais importa.

O contexto educacional tem sentido democrático e social quando seus pressupostos são pautados em uma visão crítica compreendendo o processo democrático sobre os aspectos administrativos pedagógicos e até financeiros.

A trajetória do pensamento e a trajetória da linguagem quando se cruzam, dão origem a um novo comportamento, a uma nova linguagem. É a partir desse ponto que o significado das palavras e a formação de conceitos tornam-se parte da conscientização do sujeito. E a formação de conceito realiza a solução de todo e qualquer problema a surgir (VYGOTSKY, 1998)

Define Magda Soares o dialeto-padrão ou norma-padrão,



Dialeto-padrão: também chamada norma-padrão culta, ou simplesmente norma culta, é o dialeto a que se atribui, em determinado contexto social, maior prestígio; é considerado o modelo – daí a designação de padrão, de norma – segundo o qual se avaliam os demais dialetos. É o dialeto falado pelas classes sociais privilegiadas, particularmente em situações de maior formalidade, usada nos meios de comunicação de massa (jornais, noticiários de televisão, etc.), ensinado na escola, e codificado nas gramáticas escolares (por isso, é corrente a falsa ideia de que só o dialeto-padrão pode ter uma gramática), quando qualquer variedade linguística pode ter a sua. (2000, p. 82–83)

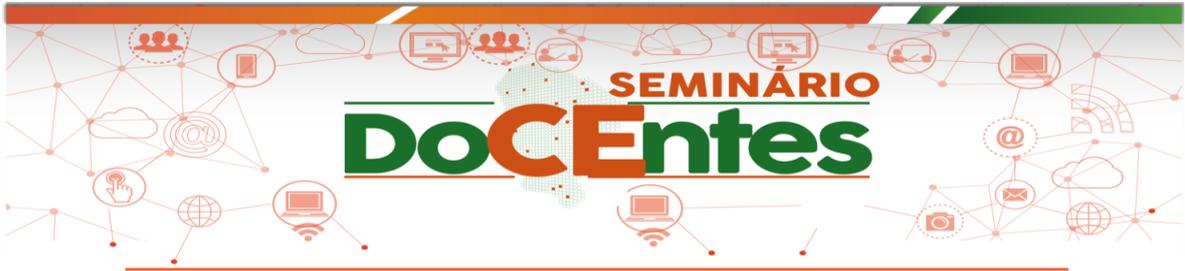
A Entidade escolar precisa trabalhar a cultura de todos permitindo desta forma que todos promovam o seu próprio aperfeiçoamento (RODRIGUES, 2000). Dessa forma, as pessoas aprenderão a conviver com determinadas situações de fala e de escrita que contribuem para o aperfeiçoamento de seu processo de letramento natural. Para Marcuschi (2007, p. 25), “letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita”.

A pedagogia escolar, ao responsabilizar o aluno da sua ruína, assume posições cômodas diante dos resultados do seu trabalho. Precisa fazer juízo crítico sobre sua postura metodológica, desfazendo-se de ser receptora de livros prontos e metodologia tradicional e manter um relacionamento sócio-linguístico mais próximo ao aluno fazendo-se, assim, formadora de providências no sentido de favorecer a aprendizagem e valorização social do aluno.

O ensino de Língua Portuguesa, por exemplo, acontece paralelamente dentro de uma realidade em que nem mesmo o aluno sabe a necessidade de aprender seus conteúdos e os professores, por sua vez, não conseguem motivar o aluno para o querer aprender. Muitas vezes é feito uso da repressão, principalmente. (VASCONCELOS, 1996).

O processo de alienação desencadeia fatores do desinteresse e dá desatenção tornando o professor adversário pedagógico do aluno.

Para Perini (2001), o português que aparece nos textos escritos não é a nossa língua materna; a nossa língua materna é aquela que aprendemos com nossos pais, irmãos e avós. Deste modo, as diferenças são bastante profundas. Com isso, pode-se constatar que há duas línguas no Brasil: uma que se escreve, o português; e a outra que se fala, que o próprio autor denomina vernáculo, como sendo, a língua materna dos brasileiros.



O professor de línguas precisa de uma maior aproximação do aluno, valorizando em seu meio. Valorizar, por exemplo, o prestígio social das variedades linguísticas das classes favorecidas, nada apresenta de valor em relação a maneira de falar do aluno. O prestígio social é uma construção ideológica por razões históricas, políticas, econômicas. (BAGNO, 2003)

Essas variantes observadas, como ocorre em relação as línguas, são adequadas às necessidades e características do grupo a que pertence o falante, ou a situação de que tais variantes ocorrem: todos são igualmente válidos como instrumento de comunicação. Elas nem são mais expressivas, nem mais corretas que qualquer outra. É mais um sistema linguístico igualmente complexo bem estruturado e lógico. A fala ocorre através de um processo natural, é apreendida por meio da tradição oral e tem caráter funcional, é inovadora por suas tendências livres (Bagno 2004).

Tais variantes linguísticas dão ao falante o poder de criação e liberdade e não surgiu de nenhuma regra. Não é, portanto, presa as regras linguísticas. As regras que se prendam a elas, tentando explicá-la. Sua função principal é a manutenção da relação humana e de perpetuar a necessidade da flexibilização do processo comunicativo.

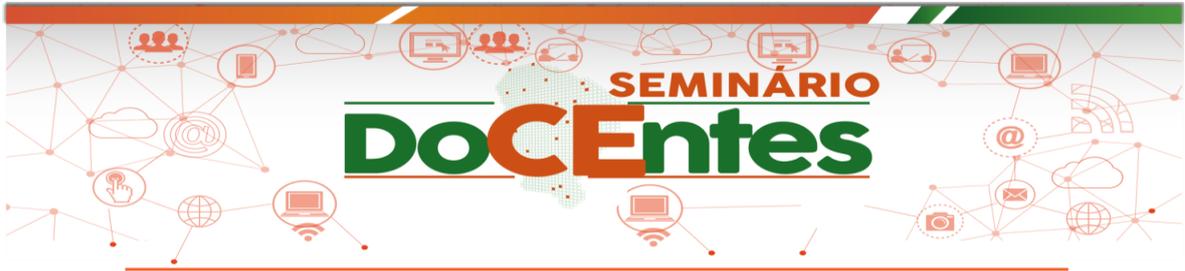
O avanço no conhecimento das áreas afins torna possível a compreensão do papel da escola no desenvolvimento de uma aprendizagem que tem lugar fora dela. Não se trata de ensinar a falar ou a fala correta, mas sim, as falas adequadas ao contexto de uso (PCN, 1997)

O ensino padrão da Língua está ligado à norma padrão que, por sua vez, tem poder de influência praticamente nulo sobre os falantes das variantes estigmatizadas (BAGNO, 2003).

Faz-se necessário uma transformação da gramática do português brasileiro. É preciso que haja transformação. Isso evita o preconceito de língua certa ou língua errada conforme estipuladas pela gramática normativa. Na base do fenômeno está uma grande modificação nas relações sociais (BAGNO, 2003).

O ensino de uma língua deve levar em conta não só palavras literais, mas valores, crenças e representações na língua a ser traduzida (VENUTTI, 1995).

Os modelos de falar do aluno ainda são alvos de muitos preconceitos. Sua linguagem oral é considerada de menor prestígio tida como erradas e, portanto, totalmente ignoradas.



A escola precisa despir-se de alguns mitos de que existe apenas uma única forma certa de se manifestar oralmente. Falar somente o que é semelhante ao escrito não quer dizer precisamente a estrutura correta de se falar. A escola não precisa, portanto, mutilar ou fazer concertos na língua oral do aluno, mas sim, conscientiza-se de que a língua não corresponde inteiramente a nenhum tipo de variação dialetal por mais prestígio que ela possa ter.

Metodologia

Este estudo é de caráter qualitativo (Lüdke; André, 1986) cujo relatório com base na narração e descrição conhece-se o espaço da pesquisa e se convive com os objetos pesquisados.

Sujeitos

Será feita uma investigação de campo desenvolvendo-se num convívio entre alunos de escolas diversas e gravadas as conversas entre eles, afim de documentar as variações existentes (Bardin, 2002). Nesse trabalho destacam-se duas metodologias cujos aspectos são importantes: a pesquisa gravada da fala e documentada e a pesquisa de fundamentação teórica cuja necessidade do trabalho é direcionada.

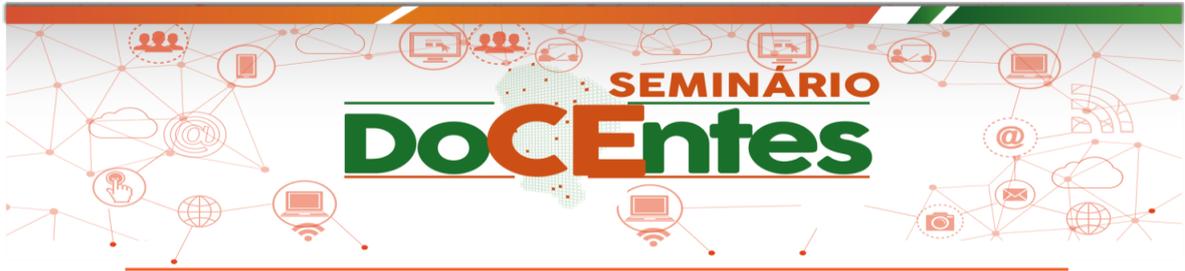
O instrumento de coleta de dados consiste em gravações de conversas espontâneas com alunos do segundo grau de escolas diferentes e na análise das variações linguísticas por eles dispensadas.

A organização do corpo discente faz-se de forma espontânea a dispensar conversas a respeito de assuntos diversos gravados para que se possa avaliar as variações linguísticas existentes. Serão alunos do segundo grau entre 15 e 20 anos.

Haverá conversas formais com o corpo docente que leciona Língua Portuguesa a fim de abrir discussões sobre os livros e metodologias aplicados.

Instrumentos

Para a concretização do estudo será usado um gravador nas conversas e entrevistas, levantamento bibliográfico para o estudo das teorias em autores que desenvolveram pesquisas na área de interesse para que se possa fazer um elo teórico e prático. Goldenberg (2009) afirma que a teoria “é um conjunto de princípios e definições que servem para dar organização lógica a aspectos selecionados da própria realidade empírica”.



Far-se-á uso de instrumentos não estruturados e, por isso, os meios serão a observação, a entrevista, o estudo de caso para que as falas, foco principal dessas atividades, fiquem documentadas.

Tem-se o ambiente natural, o meio ao qual o os pesquisados fazem parte, o convívio social, a inter-relação como fonte direta dos dados e os pesquisados, devido a sua forma de falar, como principais instrumentos.

Serão feitas pesquisas bibliográficas em publicações científicas a respeito do tema em discussão. Análise de livros e de recursos didáticos escolares utilizados será utilizada como análise comprobatória de conteúdo. Materiais disponibilizados na internet também serão utilizados a fim de ampliar e dar maior consistência ao assunto.

O significado que as pessoas dão aos momentos, às coisas e à vida são focos de atenção especial da pesquisa, como também, a investigação dos significados das relações humanas.

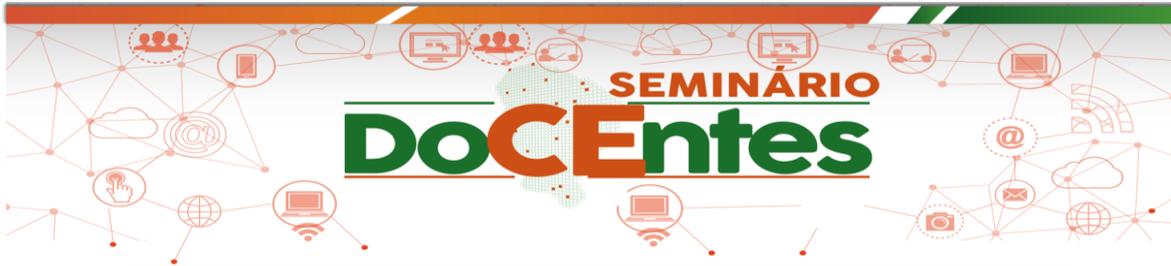
O material teórico e prático recolhido na pesquisa com o objetivo de contribuir para a discussão será adicionado ao já existente a fim de confrontar ideias e chegar a um consenso.

Desenvolvimento

Pesquisas deverão ser feitas através de visitas sistemáticas a escolas a fim de buscar diálogos e conversas junto ao corpo discente para recolhimento de dados ao objeto de estudo e também entrevistas junto ao corpo docente para informações sobre os recursos pedagógicos aplicados no entendimento da língua-padrão usados nas entidades escolares estudadas.

Pesquisas documentais em busca de informações científicas a respeito de variações linguísticas buscarão um entendimento palpável a respeito do assunto, compreendendo e análises nos planos morfológicos, fonológicos, lexicológico, lexicográfico, morfossintáticos, semântico e pragmático-discursivo com base em atividades orais e escritas.

O projeto surge promovendo a instigação e atração da comunidade escolar para a o respeito às variações linguística. Mas não é só. Sentir o gosto pela leitura e escrita, o convívio social e levar o âmbito bibliotecário que se faz em qualquer espaço, a vários lugares e momentos. Depois de estudadas as variações idiomáticas, pensa-se na criação de um e-book a ser levado aos professores com sugestões de questões Português, Redação, Geografia, História, Filosofia, Inglês etc podem ser exploradas a partir dos resultados obtidos pela pesquisa sobre o idioma local.



O projeto se constitui num trabalho entre as Escolas Estaduais e municipais da cidade de Barbalha. São escolas que carregarem características técnicas, mas se abrem para as oportunidades.

Pautados pelo referencial teórico e pela discussão prática a criação de um e-book sobre o estudo realizado objetiva sociabilizar o conhecimento.

Diante das questões levantadas sobre a variação linguística em pauta e sua praticidade na vida cotidiana do aluno, são esperados possíveis fatores que a torne ainda compreendida e aceitável.

Considerações finais

Considerando que este trabalho ainda está em fase de execução, não podemos levar aos finais as considerações. Mas podemos receber de forma satisfatória os resultados até então obtidos.

Para a realização deste trabalho, foi feito um estudo de campo e de leituras bibliográficas. E o olhar que se tem acerca do aluno e da forma como os métodos pedagógicos foram aplicados, analisados e aperfeiçoados, que definiram a sistematização e a rigorosidade das tomadas de decisões e da melhoria das ações desenvolvidas.

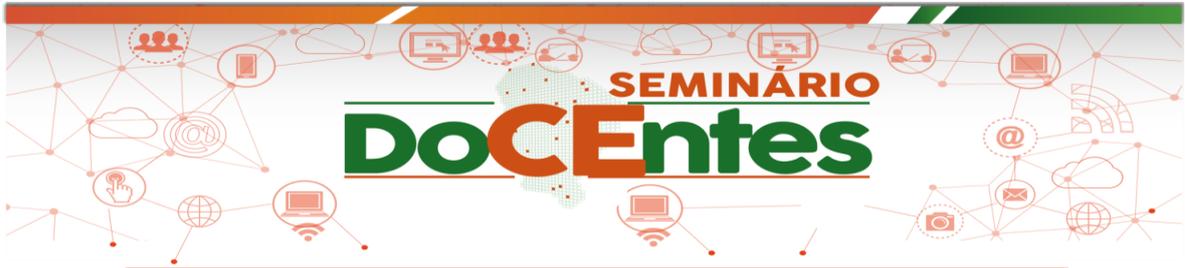
O objetivo principal é dar ao aluno o poder de fala, fazendo-o sentir-se aluno consciencioso e crente da sua fortaleza linguística. A aplicabilidade dessa fortaleza se faz em leituras, na vivência em teatros, em provas multidisciplinares, na exposição de poemas, no lançamento de textos etc.

O fundamental é que não se faça aluno um livro que depois de produzido, páginas fechadas e inertes. O resultado se efetiva na integração dos participantes da comunidade escolar sustentada pelas ideias de cidadania e preservação cultural.

Fica exposta a intenção de evidenciar o valor do estudo linguístico local e sua relevância para o acesso e construção da informação, educação e desenvolvimento da comunidade

Referências

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2000.



- _____. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz.** 15.ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** 10.ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CARVALHO, José Augusto. **Por uma política do ensino da língua.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986
- PARO, VYOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente.** Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: **Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática.** 3.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- SOARES, Magna. **Linguagem e Escola uma perspectiva social.** 17.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação: Concepção Dialética Libertadora do Processo de Avaliação Escolar.** São Paulo, Libertad, 1996.
- VEIGA I. P. A. **Didática: Uma Retrospectiva histórica.** In: Veiga I. P. A. (org.) **Repensando a Didática.** 11^a. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996. Pp 25-40.
- VEIGA I. P. A. **Projeto Político-Pedagógico da Escola: Uma Construção Possível.** Campinas – São Paulo: Papirus, São Paulo, 1995.